

# LC 1:67-79: O CÂNTICO DE ZACARIAS SOB A PERSPECTIVA DA ANÁLISE RETÓRICA BÍBLICA SEMÍTICA

Waldecir Gonzaga<sup>1</sup>  
Ygor Almeida de Carvalho Silva<sup>2</sup>

## Resumo

Há séculos o Cântico de Zacarias (Lc 1:67-79), conhecido também como *Benedictus*, é lido, entoado e orado por cristãos de diferentes denominações. O texto, que está cheio de alusões e ecos do Antigo Testamento, rende um preito de gratidão a Deus por cumprir Suas promessas do passado, por meio da vinda do Messias, cujo precursor é o filho do Sacerdote Zacarias, João Batista. Este hino, que se encontra no chamado Evangelho da Infância de Lucas (Lc 1:5-2:52), trata-se de uma linda e rica poesia semita com sotaque lucano. O *Benedictus* aborda alguns temas bíblico-teológicos muito caros ao cristianismo, tais quais a doutrina do Espírito Santo (pneumatologia, v. 67), a doutrina de Cristo (cristologia, vv. 68ab, 76b, 78-79), a doutrina da salvação (soteriologia, vv. 68c-69, 71, 73b-75, 77), a teologia das alianças (vv. 69, 70, 72-73), o conceito de misericórdia divina (vv. 72a, 78a) e a missão de João Batista (vv. 76-77), e o mais importante, o cumprimento da fidelidade e das promessas divinas, feitas a Seu povo, no AT sobre a vinda do Messias. Este artigo procura analisar todos estes aspectos da perícopé - histórico, linguístico, intertextual e teológico - aplicando, para isto, o Método da Análise Retórica Bíblica Semítica. Ao término, nas Considerações Finais, são feitas aplicações práticas, de cunho pastoral, sobre a passagem.

**Palavras-chave:** Lucas 1:67-79; Cântico de Zacarias; Benedictus; Jesus; João Batista.

Editor Científico: **Rodrigo Follis e Flavio Prestes Neto**  
Organização Comitê Científico  
Double Blind Review pelo SEER/OJS  
Received: 27/07/2023  
Approved: 05/04/2024

**Como citar:** GONZAGA, W.; SILVA, Y. A. C. Lc 1:67-79: O cântico de Zacarias sob a perspectiva da análise retórica bíblica semítica. *Kerygma*, Engenheiro Coelho (SP), v. 18, n. 1, p. e1579, 2023. DOI: <https://10.19141/1809-2454.kerygma.v18.n1.pe1579>

<sup>1</sup>Doutor em Teologia Bíblica pela Gregoriana, Roma, (Itália). Diretor e Professor de Teologia Bíblica do Departamento de Teologia da PUC-Rio e do Instituto Superior de Ciências Religiosas da Arquidiocese do Rio de Janeiro. E-mail: [waldecir@hotmail.com](mailto:waldecir@hotmail.com) e Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5929-382X>

<sup>2</sup>Mestre em Teologia Bíblica(2021) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Bacharel em Teologia(2009) e especialista na área pastoral(2018) pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. E-mail: [ygor.almeida@adventistas.org](mailto:ygor.almeida@adventistas.org) e Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3405-0394> .



# LC 1:67-79: EL CANTO DE ZACARÍAS DESDE LA PERSPECTIVA DEL ANÁLISIS RETÓRICO BÍBLICO SEMÍTICO

## Resumen

Durante siglos, el Canto de Zacarías (Lc 1,67-79), también conocido como *Benedictus*, ha sido leído, cantado y rezado por cristianos de distintas confesiones. El texto, lleno de alusiones y ecos del Antiguo Testamento, ofrece una oración de gratitud a Dios por cumplir sus promesas del pasado mediante la venida del Mesías, cuyo precursor es el hijo del sacerdote Zacarías, Juan el Bautista. Este himno, que se encuentra en el llamado Evangelio de la Infancia de Lucas (Lc 1,5-2,52), es un bello y rico poema semítico con acento lucano. El *Benedictus* trata algunos temas bíblico-teológicos muy queridos por el cristianismo, como la doctrina del Espíritu Santo (pneumatología, v. 67), la doctrina de Cristo (cristología, vv. 68ab, 76b, 78-79), la doctrina de la salvación (soteriología, vv. 68c-69, 71, 73b-75, 77), la teología de las alianzas (vv. 69, 70, 72-73), el concepto de la misericordia divina (vv. 72a, 78a) y la misión de Juan el Bautista (vv. 76-77), y lo más importante, el cumplimiento de la fidelidad divina y las promesas hechas a Su pueblo en el AT sobre la venida del Mesías. Este artículo pretende analizar todos estos aspectos de la perícopa -históricos, lingüísticos, intertextuales y teológicos- aplicando el Método de Análisis Retórico Bíblico Semítico. Al final, en las Consideraciones finales, se hacen aplicaciones pastorales prácticas del pasaje.

**Palabras clave:** Lucas 1:67-79; Cantar de Zacarías; *Benedictus*; Jesús; Juan Bautista.

# LK 1:67-79: THE ZECHARIAH'S SONG FROM THE PERSPECTIVE OF THE BIBLICAL-SEMITIC RHETORICAL ANALYSIS

## Abstract

For many centuries, Zechariah's Song (Lk 1:67-79), also known as *Benedictus*, has been read, sung, and prayed by Christians from different denominations. The text, which is full of Old Testament allusions and echoes, renders a tribute of thanksgiving to God for fulfilling His promises of the past, through the coming of the Messiah, whose forerunner is the son of the priest Zechariah, John the Baptist. This hymn, found in the Gospel of the Infancy of Luke (Lk 1:5-2:52), is a beautiful and rich Semitic poetry, with a Lucan accent. The *Benedictus* approaches some biblical-theological themes very precious to Christianity, such as the doctrine of the Holy Spirit (Pneumatology, v. 67), the doctrine of Christ (Christology, vv. 68ab, 76b, 78-79), the doctrine of salvation (Soteriology, vv. 68c-69, 71, 73b-75, 77), the theology of covenants (vv. 69, 70, 72-73), the concept of divine mercy (vv. 72a, 78a), and the mission of John the Baptist (vv. 76-77), and most importantly, the fulfillment of the divine faithfulness and promises made to His people in the Old Testament about the coming of the Messiah. This article intends to analyze all these aspects of the pericope - historical, linguistic, intertextual and theological - applying, for this, the Semitic Biblical Rhetorical Analysis Method. In the Final, practical applications, of pastoral nature, are made on the passage.

**Keywords:** Luke 1:67-79; Zechariah's Song; *Benedictus*; Jesus; John the Baptist.



Lucas 1 é o capítulo mais longo do Novo Testamento (NT) (HENRY, 1983, p. 216). Nele se encontra um dos hinos bíblicos mais conhecidos, entoados e amados da história do cristianismo, que é o Cântico de Zacarias (Lc 1:68-79). Conforme os primeiros cristãos começaram a cantar este hino, incluíam-se na primeira pessoa do plural (nós), expressando a esperança de Zacarias (DILLON, 2017, p. 259) como uma escatologia agora já realizada, pelo menos em parte, para eles. E desta profecia cumprida eles testemunhavam para a comunidade que os cercava, ao entoar este cântico.

Desde os primórdios do cristianismo, esta bela poesia religiosa cativou a atenção dos Padres da Igreja. Por exemplo, Nicetas (c.335-414 d.C.), Bispo de Remesiana, declarou que o cântico “recapitula todo o Antigo e o Novo Testamento, ao descrever as poderosas intervenções salvíficas de Deus no passado, e como João e Jesus trouxeram a plenitude das ditas atuações” (JUST JR., 2016, p. 76, tradução livre<sup>3</sup>). No Ocidente, este hino passou a ser chamado de *Benedictus*, que vem de sua primeira palavra na versão latina: *Benedictus Deus Israhel* (Bendito seja o Deus de Israel) (HENDRIKSEN, 2003, p. 173; NICHOL, 2013, p. 757; MORRIS, 1983, p. 76; CHAMPLIN, 2002, p. 22) Na liturgia católica das horas, o *Benedictus* passou a ser rezado diariamente pela manhã, nas *Laudes* (louvores matutinos). A Agostinho (354-480), Bispo de Hipona, é atribuída uma linda exclamação acerca do Cântico de Zacarias:

Oh, bendito hino de alegria e de louvor! Divinamente inspirado pelo Espírito Santo, divinamente proferido pelo sacerdote venerável e todos os dias entoado pela Igreja de Deus! Oh, que tuas palavras estejam com frequência em meus lábios, e que a doçura delas sempre esteja em meu coração! As expressões que tu usas servem de consolo para a minha vida, e o assunto de que tu trata serve de esperança para o mundo todo (CHAMPLIN, 2002, p. 25).

O *Benedictus* tornou-se querido e rezado e/ou cantado não apenas pelos católicos, como por outras correntes do cristianismo, tais quais os ortodoxos, luteranos e anglicanos, que também realizam liturgias diárias, semelhantes à das horas.<sup>4</sup>

<sup>3</sup> “El texto del Benedictus recapitula todo el Antiguo y el Nuevo Testamento, al describir las portentosas intervenciones salvíficas de Dios en el pasado y cómo Juan y Jesús traerán la plenitud de dichas actuaciones salvíficas.”

<sup>4</sup> Entre os ortodoxos a liturgia das horas é chamada de Ofício Divino, e o *Benedictus* é rezado apenas nas Laudes matinais de domingo (THE DIVINE Office). A Igreja Luterana pratica a liturgia das horas, inclusive com este nome, ou



O Cântico de Zacarias, propriamente dito, encontra-se entre os vv. 68-79, mas aqui toma-se o v. 67 como parte da perícopes, por ser a introdução ao hino, o que será explicado no terceiro tópico do presente artigo.

Esta pesquisa segue os seguintes passos metodológicos: a) introdução; b) tradução de Lucas 1:67-79, com segmentação e notas sintático-gramaticais; c) crítica textual; d) delimitação da perícopes e seu gênero literário, e) proposta de uma estrutura para Lucas 1:67-79 sob a perspectiva da Análise Retórica Bíblica Semítica (ARBS)<sup>5</sup>; f) história da redação do texto; g) intertextualidade; h) comentário exegetico-teológico; e i) considerações finais.

Segundo Pao e Schnabel (2014, p. 331), uma leitura atenta de Lucas 1:67-79 permite ver que o Sacerdote Zacarias não se concentra em seu filho “João como indivíduo, mas em Deus e em seus atos poderosos em favor de seu povo. Quando o papel de João é mencionado (1.76-79), a ênfase está em seu relacionamento com Jesus”; ainda, de acordo com Tannehill (1996, p. 58, tradução livre<sup>6</sup>): “Embora o *Benedictus* irá, em parte, responder à pergunta sobre o que João se tornará nos versículos 76-77, este hino foca primariamente o Messias, em vez de João.”

### **Tradução de Lc 1:67-79 com segmentação e notas sintático-gramaticais**

A segmentação, a tradução e as notas sintático-gramaticais referentes à perícopes de Lucas 1:67-79, revelam a beleza e a unidade temática deste texto lucano. Todo o vocabulário empregado para a sua construção revela a tessitura de um convite a colocar-se inteiramente com confiança nas mãos de Deus, pois Ele é Aquele que cuida, que é o Senhor da história, não apenas de Israel, mas de todos, porém, é óbvio, de forma especial, de Seu povo eleito. Este é um hino de louvor e ação de graças a Deus, por tudo o que o Senhor havia prometido a Davi e sua descendência e que, agora, realiza concretamente, aos olhos de todo o Israel, tornando palpável ainda mais Sua eterna misericórdia.

---

também chamada de “Oração Pública Diária”, com o *Benedictus* sendo orado nas Laudes de todos os dias pela manhã, como o fazem os católicos (BOENING, 2003, p. 7, 33, 36, 39-41, 44-48). No anglicanismo, a liturgia das horas é chamada de “Ofícios Diários da Palavra”, e o *Benedictus* é recitado em oração pela manhã aos domingos, nas quartas-feiras e em algum dia de festa relacionada a Jesus Cristo (LIVRO de Oração Comum, 2015, p. 53).

<sup>5</sup> Este estudo é fruto do Grupo de Grupo de Pesquisa Análise Retórica Bíblica Semítica, credenciado junto ao CNPq, que se reúne periodicamente na PUC-Rio, sob a liderança do Prof. Dr. Waldecir Gonzaga.

<sup>6</sup> “Although the *Benedictus* will, in part, answer the question of what John will become in verses 76-77, this hymn focuses primarily on the Messiah rather than on John.”



67a	Καὶ Ζαχαρίας ὁ πατὴρ αὐτοῦ ἐπλήσθη πνεύματος ἁγίου	E Zacarias, seu pai, foi cheio do Espírito Santo
67b	καὶ ἐπροφήτευσεν	e profetizou,
67c	λέγων·	dizendo:
68a	Εὐλογητὸς κύριος ὁ θεὸς τοῦ Ἰσραὴλ,	Bendito seja o Senhor, o Deus de Israel,
68b	ὅτι ἐπεσκέψατο	porque visitou
68c	καὶ ἐποίησεν λύτρωσιν τῷ λαῷ αὐτοῦ,	e realizou o resgate do Seu povo <sup>7</sup> ,
69	καὶ ἤγειρεν κέρας σωτηρίας ἡμῖν ἐν οἴκῳ Δαυὶδ παιδὸς αὐτοῦ,	e ergueu um poder <sup>8</sup> de salvação para nós na casa de Davi, Seu filho,
70	καθὼς ἐλάλησεν διὰ στόματος τῶν ἁγίων ἀπ' αἰῶνος προφητῶν αὐτοῦ,	conforme falou pela boca dos Seus santos profetas, desde tempos remotos,
71	σωτηρίαν ἐξ ἐχθρῶν ἡμῶν καὶ ἐκ χειρὸς πάντων τῶν μισούντων ἡμᾶς,	salvação de nossos inimigos e da mão de todos os que nos odeiam
72a	ποιῆσαι ἔλεος μετὰ τῶν πατέρων ἡμῶν	para realizar <sup>9</sup> misericórdia em favor dos nossos pais
72b	καὶ μνησθῆναι διαθήκης ἁγίας αὐτοῦ,	e para lembrar-Se de Sua santa aliança,
73a	ὄρκον ὃν ᾤμοσεν πρὸς Ἀβραάμ τὸν πατέρα ἡμῶν,	um juramento que fez <sup>10</sup> a Abraão, nosso pai,
73b	τοῦ δοῦναι ἡμῖν	para nos conceder,
74a	ἀφόβως ἐκ χειρὸς ἐχθρῶν ῥυσθέντας	sem medo - depois de libertos <sup>11</sup> da mão dos inimigos - ,
74b	λατρεῦειν αὐτῷ	adorá-Lo
75	ἐν ὁσιότητι καὶ δικαιοσύνῃ ἐνώπιον αὐτοῦ πάσαις ταῖς ἡμέραις ἡμῶν.	em santidade e justiça diante d'Ele, todos os nossos dias.
76a	Καὶ σὺ δέ, παιδίον, προφήτης ὑψίστου κληθήσῃ·	Porém, também tu, filho, serás chamado profeta do Altíssimo;
76b	προπορεύσῃ γὰρ ἐνώπιον κυρίου	de fato, irás adiante da presença do Senhor
76c	ἐτοιμάσαι ὁδοὺς αὐτοῦ,	para preparar os Seus caminhos,
77	τοῦ δοῦναι γνώσιν σωτηρίας τῷ λαῷ αὐτοῦ ἐν ἀφέσει ἁμαρτιῶν αὐτῶν,	para conceder o conhecimento da salvação ao Seu povo por meio do <sup>12</sup> perdão dos Seus pecados,

<sup>7</sup> Aqui traduziu-se a locução dativa τῷ λαῷ αὐτοῦ como “do seu povo”, por ser a melhor expressão do sentido original para a língua de chegada, diferentemente do que acontece com τῷ λαῷ αὐτοῦ, no v. 77, em que se encaixa melhor mesmo a tradução “ao seu povo”.

<sup>8</sup> Literalmente, o substantivo κέρας significa “chifre”. Mas, como se observa nos touros, o “chifre” pode ser também empregado com o sentido metafórico de “força” ou “poder”, como acontece em alguns casos no AT (Dt 33:17; 2Sm 22:3; Sl 17[16]:3; 75[74]:11; Zc 2:1-4) (GINGRICH, 1979, p. 108; MOUNCE, 2013, p. 360; FOERSTER, 1985, p. 378-379; PÉREZ MILLOS, 2017, p. 257; TAYLOR, 2006, p. 228).

<sup>9</sup> Além do NT grego, o valor final do infinitivo, dependendo do contexto da frase, é atestado na obra de Homero e no ático (AGAZZI; VILARDO, 2002, p. 472). Blass e DeBrunner (1961, p. 197) chamam este modo de “infinitivo de propósito” e explicam que, quando o infinitivo consta no período como complemento de um verbo, seu valor é muito próximo ao do infinitivo de propósito, especialmente com verbos que tenham o sentido de “desejar, esforçar-se, evitar, pedir, convocar, fazer, conceder, permitir, impedir, estar apto e ter poder” (BLASS; DEBRUNNER, 1961, p. 199), como é o caso aqui, onde o verbo ποιέω (“fazer”/“realizar”, v. 72a) é subordinado ao verbo principal ἐγείρω (“erguer”, v. 69). O mesmo ocorre com μνησθῆναι (“para lembrar-se”, v. 72b), τοῦ δοῦναι (“para conceder”, vv. 73b, 77), ἐτοιμάσαι (“para preparar”, v. 76c), ἐπιφᾶναι (“para iluminar”, v. 79a) e τοῦ κατευθῆναι (“para guiar”, v. 79b). Todas estas são orações subordinadas adverbiais finais.

<sup>10</sup> A tradução literal de ὄρκον ὃν ᾤμοσεν seria “um juramento que jurou”. Mas para evitar o pleonasma, traduziu-se “um juramento que fez”.

<sup>11</sup> Aqui preferiu-se traduzir o verbo no particípio desta oração subordinada adverbial. À luz do contexto, entendeu-se que o valor adverbial mais próprio seria o temporal. Daí ter-se traduzido ῥυσθέντας como “depois de libertos”.

<sup>12</sup> Um dos sentidos da preposição ἐν quando precede o dativo é o instrumental (LIDDELL; SCOTT, 1996, p. 552; GINGRICH, 1979, p. 64), sentido este que foi visto como o melhor a ser encaixado aqui, como também no v. 78; o que já não seria o caso nos vv. 69, 75, 79a.



78	διὰ σπλάγχνα ἐλέους θεοῦ ἡμῶν ἐν οἷς ἐπισκέπεται ἡμᾶς ἀνατολὴ ἐξ ὕψους,	por causa das <sup>13</sup> entranhas da misericórdia do nosso Deus, por meio das quais nos visitará a Aurora das alturas,
79a	ἐπιφᾶναι τοῖς ἐν σκότει καὶ σκιᾷ θανάτου καθημένοις, <sup>14</sup>	para iluminar os que estão assentados nas trevas e à sombra da morte,
79b	τοῦ κατευθῆναι τοὺς πόδας ἡμῶν εἰς ὁδὸν εἰρήνης.	para guiar os nossos pés num caminho de paz.

Conforme demonstrado na tabela acima e se demonstrará a seguir, este exercício de se segmentar e traduzir o texto bíblico ajuda na crítica textual, na análise dos verbos e de seus movimentos e nuances, nos campos semânticos e nos elementos retóricos, na estruturação e em sua compreensão bíblico-teológico-pastoral.

## Crítica Textual

Como base desta crítica textual tomam-se os aparatos críticos de *Novum Testamentum Graece* 28<sup>a</sup> Ed. (NA<sup>28</sup>) e de *O Novo Testamento Grego*, 5<sup>a</sup> Ed. Revisada (NTG 5<sup>a</sup> Ed.). Devido ao fato de o presente trabalho tratar-se de um artigo, não são analisadas aqui todas as variantes textuais de Lucas 1:67-79, mas somente uma, que realmente faz uma diferença significativa para o sentido do texto, e cuja definição é difícil de ser firmada. Esta variante é o verbo que está no tempo futuro, ἐπισκέπεται (“visitará”, v. 78). Esta forma aparece nos unciais κ\*, B, L, W, Θ, 0177; nas versões: alguns manuscritos da Vulgata, siríaca sinaítica, Peshita e leitura marginal da heracleana, bem como em todas as testemunhas coptas; nas citações Patrísticas, encontra-se: uma em Gregório de Nissa e outra em Jerônimo.

Mas, em diversos manuscritos (alguns deles de peso), o verbo se acha no tempo aoristo, ἐπεσκέψατο (“visitou”). Este segundo é o caso dos unciais κ<sup>2</sup>, A, C, D, K, Γ, Δ, Ξ, Ψ, 0130; dos minúsculos f<sup>1</sup>, f<sup>13</sup>, 28, 33, 157, 180, 205, 565, 579, 597, 700, 892, 1006, 1010, 1071, 1241, 1243, 1292, 1342, 1424, 1505; dos lecionários 844 e 2211; do Texto Majoritário (ℳ); de toda a tradição latina; das versões siríacas heracleana

<sup>13</sup> Tanto precedendo um genitivo (v. 70) quanto um acusativo (v. 78), a preposição διὰ pode ter valor causal. Acontece que, precedendo um genitivo, a conotação é mais de “por”, “através de”; enquanto que, precedendo um acusativo, como neste caso, a conotação tende a ser mais de “por causa de” (LIDDELL; SCOTT, 1996, p. 388-389; GINGRICH, 1979, p. 44; MOUNCE, 2013, p. 170).

<sup>14</sup> Não se dividiu as duas orações em dois seguimentos aqui devido ao fato de o segundo verbo (τοῖς... καθημένοις = “os que estão assentados”) estar no final do sintagma, o que seria de difícil entendimento numa tradução *ipsis literis* para o português.



e palestinese; da Patrística, citações: latina de Irineu, uma de Gregório de Nissa, Dídimo, Cirilo, Proclo, Hesíquio, Ambrósio e Agostinho.

A decisão não é fácil. Do ponto de vista dos critérios internos da crítica textual, ganharia ἐπεσκέψατο (“visitou”), por ser a leitura mais difícil (SCHNELLE, 2004, p. 43; GONZAGA, 2015, p. 222; WEGNER, 1998, p. 47; PAROSCHI, 2007, p. 152; PAROSCHI, 2012, p. 183; ALAND; ALAND, 2013, p. 288) Inclusive, Brown (2005, p. 445) argumenta o seguinte:

“Alguns biblistas rejeitam o aoristo sob a alegação de que os escribas igualaram a leitura à forma aorística do mesmo verbo no v.68; mas podemos com a mesma facilidade argumentar contra a interpretação de futuro, como assimilação aos dois verbos futuros na vizinhança imediata (v.76). A aorística é a leitura mais difícil (pois na cronologia da narrativa da infância, Jesus ainda não nos ‘visitou’) e, assim, é o tempo com mais probabilidade de ter sido adulterado no decorrer da tradução pelos escribas.”

Porém, a regra *lectio difficilior probabilior* (a leitura mais difícil é a mais provável), não é absoluta, não podendo, portanto, ser aplicada de maneira mecânica a todos os casos (SCHNELLE, 2004, p. 43; PAROSCHI, 2007, p. 152; PAROSCHI, 2012, p. 183-184; ALAND; ALAND, 2013, p. 288). Além disso, na crítica textual, as evidências externas prevalecem sobre as internas. Observe-se agora a antiguidade dos manuscritos. A leitura ἐπισκέπεται (“visitará”) conta com dois unciais mais antigos: o Códice Sinaítico *rescriptus* (κ\*), o qual indica uma leitura original em lugares onde foram feitas correções, e o Códice Vaticano (B), ambos do 4º século d.C. e de maior grandeza para dirimir a problemática, neste caso concreto, sobretudo o Vaticano, considerado de longe “o mais significativo dos unciais” e como sendo “aquele que tem o menor número de erros escribais” (ALAND; ALAND, 2013, p. 116-117; PAROSCHI, 2014, p. 51-52), sobretudo se ele vem acompanhado dos códices *Sinaítico* (κ) e *Alexandrino* (A), mesmo que apenas um, como é o caso aqui (B e κ\*), visto que estão entre os mais importantes e antigos orientais. Já os dois unciais mais antigos a favor de ἐπεσκέψατο (“visitou”) datam do 5º século d.C.: os Códices *Alexandrino* (A) e *Efraimita* (C); além de uma segunda correção do Sinaítico, um manuscrito de *secunda manus* (κ<sup>2</sup>).

Metzger (1994, p. 110), Omanson (2010, p. 108-109), Nichol (2013, p. 760), Champlin (2002, p. 24), Nolland (1989, p. 89) e Dillon (2017, p. 258) parecem ter razão ao sugerir que um copista teria substituído ἐπισκέπεται (“visitará”), no v. 78, por



ἔπεσκέψατο (“visitou”), a fim de harmonizar o tempo verbal com o aoristo do v. 68, para que a palavra ἔπεσκέψατο estivesse no início e no final do cântico; uma *lectio harmonizata* deve ser sempre evitada como a preferível (GONZAGA, 2019, p. 221). Fitzmeyer (1987, p. 189) pondera coerentemente ao argumentar que, diferentemente do que acontece na primeira parte da perícope (vv. 67-75), onde a maioria dos verbos se conjuga no aoristo e nenhum no futuro; na segunda parte (vv. 76-79), há dois verbos principais que precedem o “visitar” e estão no futuro: κληθήσῃ (“serás chamado”, v. 76a) e προπορεύσῃ (“irás adiante”, v. 76b), não havendo nenhum no aoristo nesta parte. Feitas estas considerações, mantém-se aqui a leitura da NA<sup>28</sup> e do NTG 5<sup>a</sup> Ed.: ἐπισκέψεται ἡμᾶς ἀνατολή ἐξ ὕψους (“nos visitará a Aurora das alturas”).

### Delimitação da perícope e seu gênero literário

A perícope de Lucas 1:67-79 se acha dentro da subseção do nascimento de João Batista (Lc 1:57-80), que está contida na seção do relato ou Evangelho da Infância de Jesus Cristo (Lc 1:5-2:52) (CARMONA; MONASTERIO, 2012, p. 281-282, 285-286; FABRIS, 2007, p. 26-27; 35-36; MARGUERAT, 2015, p. 112; KÖSTENBERGER; KELLUM; QUARLES, 2022, p. 382). Coerentemente, Laurentin (1986, p. 227, 229, 234, 238) divide a subseção do nascimento de João Batista nas seguintes perícopes:

- Nascimento do menino e visita dos vizinhos e familiares (Lc 1:57-58);
- Circuncisão e nome de João Batista (Lc 1:59-66);
- O *Benedictus* (Cântico de Zacarias) (Lc 1:67-79);
- Síntese da infância e juventude de João (Lc 1,80)

No v. 67 há uma introdução ao cântico, o que se conclui no v. 79. O v. 80 já não contém nada do cântico, e traz um comentário bem resumido sobre a infância e a adolescência de João. Por isto, faz sentido delimitar a perícope entre os vv. 67-79 de Lucas 1 (KARRIS, 2011, p. 230; GREEN, 1997, p. 195, 197).

O gênero literário maior de Lucas é, obviamente, evangelho, que vem a ser uma história teológica e de salvação, ou seja, algo que ia além de mais que uma simples biografia, pois buscava uma resposta de fé dos leitores. Os evangelhos “são composições querigmáticas, centradas na atuação de Deus e no evento Cristo” (BORING, 2016, p. 924); por isto, os escritos evangélicos podem ser considerados



também como “cristologia narrativa” (BORING, 2016, p. 927). Contudo, o *Benedictus* pertence a dois gêneros menores aqui presentes, nos quais ele pode ser qualificado: profecia e hino.<sup>15</sup> O *Sitz im Leben* no qual esta profecia poética está inserida vem a ser a história do nascimento de João Batista.

### Proposta de uma estrutura para Lc 1:67-79 sob a perspectiva da ARBS

O Método do Análise Retórica Bíblica Semítica (ARBS) é muito apropriado para se estudar as poesias da Sagrada Escritura, a exemplo deste caso concreto: o Cântico de Zacarias. O método foi desenvolvido pelo biblista francês Roland Meynet<sup>16</sup>.

Dois critérios marcantes da Análise Retórica são: as figuras de composição e os frutos do método. As figuras de composição são: a) o membro - unidade mínima da organização retórica, que vem a ser um sintagma que compreende de dois a cinco termos numa unidade sintática (MEYNET, 1998, p. 201); b) o segmento - unidade imediatamente superior, composta de um a três membros (segmentos unimembre, bimembre ou trimembre)<sup>17</sup>; c) o trecho - formado de um até quatro segmentos (MEYNET, 1998, p. 229-231); d) a parte - compõe-se de um a três membros (MEYNET, 1998, p. 246-258); e) a perícopé ou passagem - que é a primeira unidade separável, autônoma e mínima de leitura, constante de uma ou duas partes (exemplo: uma parábola, uma narrativa de milagre etc.) (MEYNET, 1998, p. 259-270)<sup>18</sup>.

Os frutos da aplicação do Método da Análise Retórica Bíblica Semítica para a exegese escriturística são: a) delimitação das unidades literárias ou textuais, b) auxílio na interpretação da passagem e das unidades superiores, c) proporção de maior coerência à tradução e d) ajuda na tomada de decisões da crítica textual (MEYNET, 1998, p. 316-350; GONZAGA; FURGHESTTI, 2021, p. 332; GONZAGA; SILVA,

<sup>15</sup> Grundmann (1974, p. 69) classifica tanto o *Benedictus* (Lc 1:67-79) quanto o *Magnificat* (Lc 1:46-56) como hinos escatológicos. Ver também NOLLAND, 1989, p. 83-84; DILLON, 2017, p. 254. Para maiores detalhes sobre o caráter profético e poético de Lc 1:67-79, ver ainda SEAL, 2021, p. 233-238.

<sup>16</sup> Para se conhecer o método da Análise Retórica Bíblica Semítica, é oportuno conferir alguns de seus textos: MEYNET, 1993, p. 391-408; MEYNET, 1996, p. 403-436; MEYNET, 2020, p. 431-468.

<sup>17</sup> O segmento bimembre (duas linhas) normalmente conta com simetria paralela ou paralelismo (Lc 6:28-30, 37-38b) (MEYNET, 1998, p. 202-203), ou com simetria cruzada, também chamada quiasmo (Dt 33:9; Sl 126(125):5; Ct 6:3; Lc 19:38; 23:35) (MEYNET, 1998, p. 204-205). O segmento trimembre (três linhas: Ex 20:4; Pv 3:33; Sl 96(95):1-2; Am 2:15; Lc 1:32-33) pode ter relação entre si ou não. Pode ser do tipo abc, abb', aa'b, abc-a'b'c', abc-c'b'a' ou aa'-bb'-cc' (MEYNET, 1998, p. 224-228).

<sup>18</sup> Sobre as figuras de composição da Retórica Bíblica, ver também: MEYNET, 2020, p. 434-438; GONZAGA; BELÉM, 2020, p. 396; GONZAGA, 2021, p. 9-41, GONZAGA; SILVA, 2022, p. 237.



2022, p. 237). A seguir, apresenta-se uma proposta de estrutura do texto, à luz da Análise Retórica, excluindo-se o v. 67, por ser apenas um prelúdio ao cântico:

v. 68 Bendito seja o Deus porque <u>visitou</u>	o <b>SENHOR</b> , de Israel, <u>e realizou</u>	o resgate do <b>SEU</b> povo,
v. 69 <u>e ergueu</u> um poder na casa de Davi,	de <u>salvação</u> <b>SEU</b> filho,	para <u>nós</u>
v. 70 conforme falou pela boca desde tempos remotos,	dos <b>SEUS</b>	SANTOS <u>profetas</u> ,
v. 71 <u>e da mão</u> de todos	<u>salvação</u> os que <u>nos</u> odeiam	<u>de nossos</u> inimigos
v. 72 para <u>realizar misericórdia</u> <u>e para lembrar-se</u>	em favor dos de <b>SUA</b>	<u>nossos</u> pais, SANTA aliança,
v. 73 um juramento	que fez a Abraão, <u>para nos</u> conceder,	<u>nosso</u> pai,
v. 74 sem medo	– depois de libertos adorá- <b>LO</b> ,	<u>da mão</u> dos inimigos –,
v. 75 em <u>e justiça</u>	santidade diante <b>DELE</b> ,	todos os <u>nossos</u> dias.
v. 76 <u>Porém</u> , também tu, serás chamado de fato, para preparar	<i>filho</i> , <u>profeta</u> do <b>Altíssimo</b> ; irás adiante os <b>SEUS</b> caminhos,	da presença do <b>SENHOR</b>
v. 77 <u>para conceder</u> <u>por meio do</u>	o conhecimento da <u>salvação</u> perdão dos pecados deles,	ao <b>SEU</b> povo
v. 78 por causa das entranhas <u>por meio das</u> quais	da <u>misericórdia</u> <u>nos</u> visitará a Aurora	<u>do nosso</u> Deus, das <u>alturas</u> ,
v. 79 para iluminar para guiar	os que estão assentados os <u>nossos</u> pés	nas trevas e à sombra da morte, num <u>caminho</u> de paz.



O *Benedictus* pode ser dividido em duas partes principais: 1) a primeira, de louvor ou de ação de graças (vv. 68-75); e 2) a segunda, uma profecia sobre o ministério de João Batista (vv. 76-79), que parece responder à pergunta: “Quem virá a ser este menino?” (v. 66) (BOVON, 1995, p. 152, 164; NOLLAND, 1989, p. 84-85; NICHOL, 2013, p. 757; GRUNDMANN, 1974, p. 69; TANNEHILL, 1996, p. 59; SCHMID, 1968, p. 86; STUHLMUELLER, 1975, p. 41-43; FABRIS, 2006, p. 36; HENDRIKSEN, 2003, p. 173-174, 188; GREEN, 1997, p. 198; DILLON, 2017, p. 253). Brown (2005, p. 454-466) faz uma outra sugestão de estrutura do cântico, que é por temas em estrofe, assim:

- Introdução: v. 68a - louvor a Deus;
- Primeira Estrofe: vv. 68b-71b - louvor a Deus por sua fidelidade à aliança com Davi;
- Segunda Estrofe: vv. 72-75 - louvor a Deus por sua fidelidade à aliança com Abraão;
- Terceira Estrofe: vv. 76-77 - profecia sobre o ministério de João Batista;
- Conclusão: vv. 78-79 - louvor a Deus que recapitula alguns temas do hino e uma bênção de paz para os que confiam no Senhor.

Meynet analisa o texto sob o ponto de vista sintático e retórico, e concorda com a divisão entre os vv. 68-75 e vv. 76-79 (MEYNET, 2015, p. 73). Ele elabora o seguinte esquema:

- Primeira parte: bênção (vv. 68-75);
  - Primeira subparte: a própria bênção (v. 68a);
  - Segunda subparte: as razões para a bênção (vv. 68b-75);
- Segunda parte: profecia (vv. 76-79);
  - Primeira subparte: a própria profecia (v. 76ab);
  - Segunda subparte: as razões para a profecia (vv. 76c-79) (MEYNET, 2015, p. 73).

Alguns detalhes saltam aos olhos e são interessantes: em Lucas 1:68-79, a terceira pessoa do singular (“Ele,” “Seu” e o pronome oblíquo “-Lo”) sempre é uma referência a Deus; já a primeira pessoa do plural (“nós”, “nosso” e o pronome oblíquo “nos”) sempre é uma referência ao povo da aliança; o substantivo “salvação”, que é uma palavra-chave da passagem, aparece três vezes (vv. 69a, 71a, 77).<sup>19</sup>

Além disso, “misericórdia” e “entranhas da misericórdia” ocupam posições estratégicas nos vv. 72 e 78; os “santos profetas, desde tempos remotos” combinam com “profeta do Altíssimo” (vv. 70. 76); “Seus caminhos”, no v.76, tem relação com

<sup>19</sup> Meynet ainda lembra que o substantivo “resgate” (v.68c) é um sinônimo de salvação (MEYNET, 2015, p. 74).



o “caminho de paz”, no v. 79; e há um jogo entre as palavras no reconhecimento de Davi e de João como filhos de Deus (vv. 69, 76) (GREEN, 1997, p. 197-198). Este entrelaçamento complexo não apenas evidencia a macroestrutura do cântico, mas também sublinha quão ricamente ele provê significado para os eventos que Zacarias interpreta, inclusive em cada microestrutura deste belíssimo cântico do NT (GREEN, 1997, p. 198).

## História da redação do texto

Laurentin (1986, p. 234, 238) e Brown (2005, p. 441) defendem que Lucas 1:67-79 poderia ser um acréscimo à narrativa do Evangelho da Infância, feito pelo evangelista numa segunda etapa, a de revisão do livro. Isto porque pode-se observar que o v. 80 continuaria o v. 66 sem qualquer perturbação (FITZMEYER, 1987, p. 167; SCHMID, 1968, p. 85): “e todos os que os ouviam guardavam-nos em seus corações, enquanto indagavam: Ora, o que há de ser este menino? De fato, a mão do Senhor estava com ele.” (v. 66); “Assim o menino crescia e se fortalecia espiritualmente, e vivia nos desertos, até o dia da sua aparição pública a Israel.” (v. 80). A questão que se levanta agora é: Qual teria sido a origem do Cântico de Zacarias?

Karris (2011, p. 230) e Nolland (1989, p. 83) acreditam que Lucas adotou e reuniu dois hinos que, outrora, haviam sido independentes (vv. 68-75 e vv. 76-79). Esta hipótese se baseia no fato de que a primeira parte é um hino de louvor escatológico, e a segunda enfatiza o papel de João Batista como precursor do Messias. Todavia, Bovon lembra que a literatura judaica conhecia formas mistas como esta, que foram compostas de uma vez, como no caso do manuscrito 1QM 18-19, no qual “o exército dos eleitos louva ao Senhor por uma primeira vitória (como o fazem nossos vv. 68-75), mas aguarda sua salvação definitiva (como nossos vv. 78b-79).” (1995, p. 146, tradução livre<sup>20</sup>).

Dentro do debate sobre a composição do *Benedictus*, há um questionamento sobre a proveniência dos vv. 70, 76-77. Fitzmeyer (1987, p. 166, 170, 172) assevera categoricamente que o v. 70 foi uma criação lucana, por causa da semelhança entre Lucas 1:70 e Atos 3:21: καθὼς ἐλάλησεν διὰ στόματος τῶν ἁγίων ἀπ’αἰῶνος

---

<sup>20</sup> “El ejército de los elegidos alaba al Señor por su primera victoria (como lo hacen nuestros v. 68-75), pero aguarda la salvación definitiva (como nuestros v. 78b-79).”



**προφητῶν αὐτοῦ** (Lc 1:70) // ὧν ἐλάλησεν ὁ θεὸς διὰ στόματος τῶν ἁγίων ἀπ' αἰῶνος αὐτοῦ **προφητῶν** (At 3:21). Entretanto, Brown (2005, p. 442-443) e Nolland (1989, p. 83) são um pouco mais cautelosos em não afirmarem isto categoricamente, considerando-o apenas como possibilidade. No entanto, sobre esta possibilidade, o próprio Nolland (1989, p. 86-87) faz as duas seguintes ponderações: a) conquanto a expressão διὰ στόματος (“pela boca”) apareça em conexão com a profecia em outras passagens da obra lucana (At 1:16; 3:18, 21; 4:25), ela pode ser vista, no mesmo contexto, na Septuaginta (LXX), em 2Crônicas 36:22; e b) chamar os profetas de “santos” é algo que acontece, embora tardiamente, na literatura judaica (Sb 11:1) e no NT (Ef 3:5). Portanto, estes pontos não podem ser considerados exclusivamente de Lucas.

Quanto à autoria dos vv. 76-77, Brown (2005, p. 444-445, 450-451), Fitzmeyer (1987, p. 166, 170, 172) e Schmid (1968, p. 86) defendem que eles foram uma interpolação lucana posterior a uma versão mais antiga do hino, por sua teologia ser, supostamente, notavelmente cristã, ao tratar do “filho” como precursor do Messias, que é o Senhor, e que transmitiria “o conhecimento da salvação... por meio do perdão dos pecados”. Mas Nolland (1989, p. 83) não está convencido de que este argumento seja suficiente. E o convencimento realmente se torna desafiador por estas duas razões: 1) tal qual acontece com o v. 70, em relação aos vv. 76-77, não há registro nos aparatos críticos, nem da NA<sup>28</sup> e nem do GNT 5ª Ed., de manuscritos destituídos desses versículos; e 2) a ideia de precursor do Senhor e de perdão dos pecados já estava presente no AT (Is 40:3; Ml 3:1; 2Cr 7:14; 33:11-14; Sl 32[31]:1-5; 51[50]:3-4, 9, 11; Pv 28:13; Is 1:18; 6:7).

Além disso, pela Análise Retórica percebemos alguns detalhes interessantes que nos ajudam, inclusive, nesta questão de ver a unidade ou não dos vv. 70, 76-77 com o restante do texto. Os vv. 70, 76-77 contêm a terceira pessoa do singular (“Seus”/“Seu”) como uma referência a Deus, assim como os vv. 68c-71, 72b, 74b-75. O adjetivo “santos” para os profetas (v. 70) aparece no v. 72b para a aliança (“santa”). O substantivo “profetas” (v. 70) é encontrado também no v. 76a, aplicado a João (“profeta”). Há infinitivos gerundivos nos vv. 76-77 (“para preparar” e “para conceder”) e em outras partes da passagem (“para realizar” e “para lembrar-se” [v. 72], “para nos conceder” [v. 73b], “para iluminar” e “para guiar” [v. 78]). O substantivo “filho” (v. 76a) está presente no v. 69, o adjetivo “Altíssimo” (v. 76a)



vem da mesma raiz de “alturas” (v. 78), e o substantivo “caminhos” (v. 76c) ocorre no singular no v. 79b.

Que o cântico seja de origem judaica, não se pode negar, pela presença dos semitismos<sup>21</sup>, como as expressões ἐποίησεν λύτρωσιν (lit. “fazer o resgate”, v. 68c), ποιῆσαι ἔλεος μετὰ (lit. “fazer misericórdia com”, v. 72a) (NOLLAND, 1989, p. 86-87)<sup>22</sup> e ὄρκον ὄν ὤμοσεν (lit. “um juramento que jure”, v. 73a), que refletem construções hebraicas. Além disso, a repetição da preposição ἐν (vv. 69, 75, 77, 78, 79a) sugere uma tradução grega da preposição hebraica בְּ. Portanto, Lucas, por ter sido grego, não pode ter sido o autor da passagem. Sendo assim, seu linguajar presente e inegável no texto (como, por exemplo, no v.70), deve refletir uma tradução, ou, pelo menos, uma versão de um cântico já pronto. Provavelmente, o Cântico de Zacarias (Lc 1:68-79) era entoado pelos primeiros cristãos, tendo sido incorporado por Lucas no início do seu Evangelho. Mas, a dúvida permanece sobre sua origem. Brown (2005, p. 451) sugere que ele teria surgido entre os chamados *anawin*, comunidade judaico-cristã de Jerusalém. Porém, quanto a esta hipótese, Schmid contra-argumenta, explicando que, a despeito da expectativa messiânica presente em sua mensagem, o fato de o hino não mencionar nada da paixão e da ressurreição de Cristo, é um indício de que ele deve ter tido uma origem judaica, e não judaico-cristã ou judaica refeita por mão cristã (SCHMID, 1968, p. 90-91).

Dentro deste debate, Bovon (1995, p. 147) faz uma indagação pertinente: Faria sentido cantar esta profecia independente do contexto do nascimento de João Batista? Pelas razões aqui expostas, não se deveria excluir a possibilidade indicada no próprio texto, de a autoria do *Benedictus* ter sido do próprio Zacarias; até porque ele era um sacerdote e, por isto, estava familiarizado com as Escrituras, poesia e música hebraicas (NICHOL, 2013, p. 757).

---

<sup>21</sup> Laurentin observa o seguinte: “Lucas 1-2 apresenta forte característica de um texto traduzido de uma fonte semítica, provavelmente hebraica [ou aramaica], vale dizer, a mesma característica da tradução da LXX.” (LAURENTIN, 1986, p. 231). É bem possível que não tenha sido uma só fonte, mas algumas fontes escritas, ou ainda que, pelo menos, os cânticos do Evangelho da Infância tenham provido de fontes hebraicas ou aramaicas distintas. No início do seu Evangelho, inclusive, Lucas comenta que muitos já haviam escrito narrações coordenadas da vida de Cristo, e que ele, após acurada investigação, decidira escrever a sua própria (Lc 1:1-3).

<sup>22</sup> À p. 87, Nolland explica que a expressão é vista repetidas vezes na LXX, ainda que não em conexão com as misericórdias de Deus na aliança (Gn 24:12; Jz 1:24; 8:35; Rt 1:8; 1Sm 20:8, 14).



## Intertextualidade

Neste tópico analisa-se a profunda dependência que Lucas 1:67-79 tem do AT, o que poderá ser atestado pelas alusões e ecos que faz do mesmo, bem como sua correlação com o Cântico de Maria, o Magnificat (Lc 1:46-56).

### A) O uso do AT em Lc 1:67-79

Lucas 1:67-79 acha-se pleno de conteúdos do AT<sup>23</sup>, especialmente do Pentateuco, dos Salmos e dos Profetas, o que é muito significativo, pois toma textos de livros dos três *corpora* da TaNaK. Para este subtópico, foi aplicada à esta perícopé o Método do Uso do AT no NT conforme R. Hays<sup>24</sup> e G. K. Beale<sup>25</sup>. Como resultado, obtém-se o quadro abaixo:

67	E Zacarias, seu pai, foi cheio do Espírito Santo e profetizou, dizendo:	Eco de Is 32:14-17; 44:2-3; Jl 3:1, no Texto Hebraico (TH) e/ou na LXX (PAO; SCHNABEL, 2014, p. 322, 331).
68a	Bendito seja o Senhor, o Deus de Israel,	Alusão a 1Sm 25:32; 1Rs 1:48; 1Cr 16:36; 2Cr 6:4; Tb 13:1; Sl 41(40):14; 72(71):18a; 106(105):48; Dn 3:26.52, na LXX (SEAL, 2021, p. 234; HENDRIKSEN, 2003, p. 173; MORRIS, 1983, p. 77; FITZMEYER, 1987, p. 164, 179; NOLLAND, 1989, p. 85; PAO; SCHNABEL, 2014, p. 331). Chama a atenção o fato de que 1Sm 25:32; 1Rs 1:48; 2Cr 6:4; Sl 41(40):14 estão no contexto da aliança davídica; e que o Sl 106(105) alude às narrativas dos Patriarcas e do Êxodo - todos elementos presentes em Lc 1:67-79.

<sup>23</sup> Parece não ser um exagero de Champlin quando ele comenta que, tal qual se deu com o Cântico de Maria, o de Zacarias toma emprestada quase cada palavra do AT (CHAMPLIN, 2002, p. 22), e nem de Litwak, ao ele afirmar que Lc 1:68-79 ecoa as Escrituras de Israel em praticamente todas as suas frases (LITWAK, 2005, p. 88).

<sup>24</sup> Hays estabelece os seguintes sete critérios para se atestar o uso de uma passagem do AT no NT: a) disponibilidade da fonte ao autor original; b) volume de disponibilidade e proeminência daquela referência na Escritura; c) recorrência com a qual o mesmo escritor cita aquele texto no restante da sua obra; d) coerência temática com a linha de argumentação do autor; e) plausibilidade histórica para o remetente e os destinatários quanto ao significado interpretado; f) história da interpretação construída por outros comentadores (pré-críticos e críticos) que aludiram à mesma passagem; g) satisfação quanto à interpretação do texto (HAYS, 1989, p. 29-32).

<sup>25</sup> Beale indica nove passos para se interpretar corretamente o uso de uma passagem do AT no NT: a) identificar se a referência ao AT é uma citação (menção direta), alusão (menção indireta) ou eco (vaga lembrança); b) analisar o contexto do NT em que a citação ao AT ocorre; c) analisar o contexto do AT em que a referida citação ocorre; d) pesquisar o uso daquele texto do AT no judaísmo posterior e anterior; e) comparar os textos onde a referência aparece: TH, NT, LXX, *Targumim* (comentários aramaicos às Escrituras Hebraicas) e citações judaicas antigas (pseudepígrafos, Filo de Alexandria, Flávio Josefo etc.); f) analisar a forma como o autor usa aquela passagem do AT; g) analisar a interpretação que o autor dá àquela passagem do AT; h) analisar o uso teológico que o autor faz daquela passagem do AT; i) analisar o uso retórico que o autor faz daquela passagem do AT (BEALE, 2014, p. 68-69). Beale dá uma explicação sobre ecos e alusões, não na p. 68, mas nas pp. 56-57.



68bc	porque visitou e realizou o resgate do seu povo,	Eco de Ex 3:16; 4:31; 13:19, no TH e/ou na LXX. <sup>26</sup>
69	e ergueu um poder de salvação para nós na casa de Davi, seu filho,	Eco de 1Sm 2:10; 2Sm 7:11c-17, 26; 22:3; 1Cr 17:10c-15, 24-25; Sl 18(17):3; 89(88):4-5, 21-53; 132(131):17; Is 9:5-6; 16:5; 55:3-4; Jr 23:5-6; 33:14-26; Ez 34:23-24; Am 9:11-12, no TH e/ou na LXX (NICHOL, 2013, p. 758; CHAMPLIN, 2002, p. 22; FITZMEYER, 1987, p. 180, 182; NOLLAND, 1989, p. 86, 91; ALETTI, 2019, p. 20).
71	salvação de nossos inimigos e da mão de todos os que nos odeiam	O conceito de salvar da mão “dos nossos inimigos” e daqueles “que nos odeiam” é um eco de Sl 18[17]:18; 106(105):10; Mq 4:10, no TH e/ou na LXX (FITZMEYER, 1987, p. 182; BOVON, 1995, p. 155; ALETTI, 2019, p. 20).
72a	para realizar misericórdia em favor dos nossos pais,	Alusão a Mq 7:20 no TH e/ou na LXX (NOLLAND, 1989, p. 87). <sup>27</sup>
72b	e para lembrar-se de sua santa aliança,	Alusão a Ex 2:24; Lv 26:42; Sl 98(97):3; 105(104):8, 9; 106(105):45; Ez 16:60, na LXX (FITZMEYER, 1987, p. 183; NOLLAND, 1989, p. 87).
73a	um juramento que fez a Abraão, nosso pai,	Eco de Gn 12:2-3; 15:5-21; 17:4-8; 22:16-18; Gn 26:3, no TH e/ou na LXX.
73b-74	para nos conceder, sem medo - depois de libertos da mão dos inimigos -, adorá-lo	Eco de Ex 5:1, 3; 7:16, no TH e/ou na LXX.
75	em santidade e justiça diante dele, todos os nossos dias.	Eco de Js 24:14, na LXX (NOLLAND, 1989, p. 92; ALETTI, 2019, p. 20).
76bc	de fato, irás adiante da presença do Senhor, para preparar os seus caminhos,	Alusão a Is 40:3, na LXX; eco de Ml 3:1ab, no TH e/ou na LXX (NICHOL, 2013, p. 759-760; HENDRIKSEN, 2003, p. 174, 180; CHAMPLIN, 2002, p. 24; BOVON, 1995, p. 158; PAO; SCHNABEL, 2014, p. 333; NOLLAND, 1989, p. 87). Este mensageiro de YHWH (Ml 3:1ab) equivale ao Profeta Elias de Ml 3:23.
77	para conceder o conhecimento da salvação ao seu povo por meio do perdão dos seus pecados,	Eco de Jr 31:34, no TH. O interessante é que este versículo se encontra justamente no contexto da profecia da nova aliança de Jr 31:31-34.
78	por causa das entranhas da misericórdia do nosso Deus, por meio das quais nos visitará a Aurora das alturas,	Eco de Ml 3:20ab, na LXX. <sup>28</sup>
79a	para iluminar os que estão assentados nas trevas e à sombra da morte,	Alusão a Is 9:1; 42:7; 49:9 <sup>29</sup> na LXX.

Pela observação do quadro acima, pode-se ver, quanto à forma, que no *Benedictus* há quinze referências ao AT (o v. 76bc pode ser considerado como

<sup>26</sup> O Sl 106(105):4 e Jr 15:15 ecoam, em oração, esta crença da visita salvadora de YHWH (FITZMEYER, 1987, p. 179; NOLLAND, 1989, p. 86), que vem desde a concepção de Isaac no ventre de Sara (Gn 21:1) (NOLLAND, 1989, p. 97), passando pela experiência do povo de Israel no tempo de Noemi e Rute (Rt 1:6) (ALETTI, 2019, p. 20). Na tradição judaica pós-exílica, a ideia da “visita do Senhor” passou a designar um ato redentor de Deus em favor de seu povo, mas num sentido mais escatológico (Sb 3:7; Sl Sal 3:11; 10:4; 11:6; 15:12) (BOVON, 1995, p. 153).

<sup>27</sup> Pao e Schnabel (2014, p. 333) explicam que Miqueias 7 fornece alguns elementos conceituais para Lucas 1:68-79, mencionando primeiramente a vitória sobre os inimigos (Mq 7:10; Lc 1:71), e, na sequência, a misericórdia para com os patriarcas, citando diretamente Abraão (Mq 7:20; Lc 1:72a, 73a).

<sup>28</sup> Pode ser que haja aqui um eco também da expressão da profecia de Balaão, ἀνατελεῖ ἄστρον ἐξ ἰακω (“um astro subirá de Jacó”, Nm 24:17) na LXX, conforme aponta DILLON, 2017, p. 257.

<sup>29</sup> Lc 1:79a: de acordo com Mt 4:16; Jo 1:4; 8:12; At 26:18, estas profecias de Isaías tiveram e têm o seu pleno cumprimento no ministério de Jesus Cristo e no querigma apostólico da Igreja.



contendo duas referências distintas no mesmo texto). Destas, não há nenhuma citação direta, há cinco *alusões* e dez *ecos* de passagens veterotestamentárias. Quanto ao conteúdo, há seis referências à LXX, uma ao TH e oito difíceis de se determinar se são provenientes do TH ou da LXX, visto que não se tem a materialidade do texto, por não se tratar de uma citação, o que dificulta realizar uma comparação entre os textos. Pode-se verificar também que o tema veterotestamentário mais recorrido aqui é o da teologia das alianças.

## **B) Relação do Cântico de Maria (Lc 1:46-56) com o Cântico de Zacarias (Lc 1:67-79)**

Uma leitura mais atenta de Lucas 1 permite observar alguns pontos em comum entre o *Magnificat*, como é chamado o Cântico de Maria (Lc 1:46-56), e o *Benedictus* (Lc 1:67-79): primeiramente, ambos poderiam ser retirados do texto tranquilamente, e a narrativa poderia continuar sem perturbações (FITZMEYER, 1987, p. 167); em segundo lugar, podemos ressaltar os aspectos temáticos em comum entre eles, como segue:

- A) Deus como Salvador (Lc 1:69, 71 // Lc 1:46);
- B) Exaltação da misericórdia divina (Lc 1:72, 78 // Lc 1:54);
- C) Recordação favorável que o Senhor faz de seu povo (Lc 1:72 // Lc 1:54);
- D) Referência ao juramento da aliança feita com Abraão (Lc 1:72 // Lc 1:54-55);
- E) Vitória concedida por Deus a seu povo contra seus inimigos (Lc 1:70-74 // Lc 1:51-53) (LAURENTIN, 1986, p. 236; NOLLAND, 1989, p. 83; TANNEHILL, 1996, p. 59).

Uma terceira semelhança é que tanto o *Magnificat* quanto o *Benedictus* são iniciados com um preito de louvor a Deus (Lc 1:46-47, 68) (SCHMID, 1968, p. 86). Uma quarta similaridade é o fato de que, assim como o Cântico de Maria, o de Zacarias está recheado de alusões e ecos do AT, principalmente da LXX (FITZMEYER, 1987, p. 168). E ainda, em quinto lugar, os dois hinos possuem um caráter escatológico (GRUNDMANN, 1974, p. 69).

Porém, há algumas diferenças entre as duas passagens: Uma primeira dessemelhança que pode ser pontuada é a direção da bênção nos dois hinos. No *Magnificat*, a bênção pessoal derramada sobre Maria parte para a coletividade; no *Benedictus*, a bênção começa a ser derramada sobre a coletividade e, então, parte para a pessoa de João Batista (SCHMID, 1968, p. 86). Daí, quando os dois textos são colocados lado a lado, formam o seguinte quiasmo: “*Magnificat*: declaração pessoal



(vv. 46-50), declaração factual (vv. 51-55); *Benedictus*: declaração factual (vv. 69-75), declaração pessoal (vv. 76-79).” (GRUNDMANN, 1974, p. 69).

Uma segunda diferença é de natureza sintática. As várias orações coordenadas de Lucas 1:46-56 dão lugar a dois períodos cheios de orações subordinadas em Lucas 1:67-79 (GRUNDMANN, 1974, p. 69). Uma terceira dessemelhança que se pode constatar é da escatologia presente nos dois cânticos. A expectativa judaica do futuro, simplesmente esboçada no Cântico de Maria, é mais claramente expressa em Lucas 1:76-79 (GRUNDMANN, 1974, p. 69). Uma quarta diferença reside no papel que ocupa aquele que está se pronunciando. Enquanto no *Magnificat*, Maria fala na primeira pessoa do singular e aparece como um instrumento no cumprimento do plano da salvação (Lc 1:46-49), no *Benedictus*, Zacarias não fala na primeira pessoa do singular em nenhum momento e o instrumento divino não é ele, mas seu filho (NOLLAND, 1989, p. 83-84).

E, em quinto lugar, o Cântico de Zacarias menciona a luz (Lc 1:78-79) e a paz (Lc 1:79), dois elementos que não constam no Cântico de Maria, mas que reaparecem no de Simeão (2:14, 29, 32), conhecido também como *Nunc Dimittis* (TANNEHILL, 1996, p. 59).

### **Comentário exegético-teológico de Lc 1:67-79**

O modelo adotado para este comentário exegético é por temas, não versículo por versículo e nem parte por parte da perícopes, pelo conteúdo do texto ser rico em assuntos teológicos que vão e vêm na passagem. Os temas encontrados, interpretados e comentados teologicamente de Lc 1:67-79 aqui são: elementos de pneumatologia (v. 67), cristologia (vv. 68ab, 76b, 78-79), soteriologia (vv. 68c-69, 71, 73b-75, 77) e da teologia das alianças (vv. 69, 70, 72-73); a misericórdia divina (vv. 72a, 78a) e a missão do precursor (vv. 76-77), e em todo o Cântico de Zacarias está o tema do cumprimento da fidelidade e das promessas divinas, feitas a Seu povo no AT, sobre a vinda do Messias. Dentro do tópico da aliança, desdobram-se outros três subtópicos, encontrados no texto: a) alusão à aliança com Davi (vv. 69, 70); b) o uso da expressão “santa aliança” (v. 72b); e c) alusão à aliança com Abraão (v. 73a). As aplicações pastorais da teologia extraída deste comentário, são feitas nas Considerações Finais.



## A) Elemento de pneumatologia (Lc 1:67)

“E Zacarias, seu pai, foi cheio do Espírito Santo e profetizou, dizendo...”. A graça de Deus é tão grande, que não apenas perdoou Zacarias por sua dúvida acerca da palavra do anjo do Senhor (Lc 1,18-20), como o inspirou a profetizar (HENRY, 1983, p. 212). O oráculo poético de Zacarias sugere que, tanto a audiência imediata do sacerdote quanto Lucas criam estar ouvindo mais do que uma alocução humana; antes, eles criam estar ouvindo “uma declaração divina, ressaltando, deste modo, a autoridade e a confiabilidade da profecia.” (SEAL, 2021, p. 235).

Além de Lucas 1:67, chama a atenção a participação do Espírito Santo nos dois primeiros capítulos do Evangelho de Lucas: 1) o Espírito Santo desce sobre a virgem Maria, para que ela pudesse conceber o Filho de Deus (Lc 1:35); 2) quando Isabel ouve a saudação de Maria, fica cheia do Espírito Santo (Lc 1:41); 3) Simeão é descrito como um homem que tem o Espírito Santo, recebe sua revelação e o mesmo Espírito o compele a ir ao templo e tomar o menino Jesus nos braços (Lc 2:25-28).

Assim como no início do Livro de Atos, do mesmo autor, no início do Evangelho de Lucas ocorre um verdadeiro Pentecostes. Em Lucas 1-2, nas quatro ocasiões acima referidas em que o Espírito Santo é concedido (a Maria, a Isabel, a Zacarias e a Simeão), é para profetizar (no sentido de proclamar sob inspiração divina), o que resulta também na evangelização.

Como resultado da plenitude do Espírito Divino, Maria canta o *Magnificat* (Lc 1:46-55), Isabel saúda Maria como a mãe de seu Senhor (Lc 1:42-45), Zacarias profetiza cantando o *Benedictus* (Lc 1:67-79) e Simeão anuncia a redenção entoando o *Nunc Dimittis* (Lc 2:28-32), enquanto a Profetisa Ana fala do menino Jesus a todos os que esperavam a libertação de Jerusalém (Lc 2:38). Algo semelhante acontece com a igreja primitiva no início do Livro de Atos. Ela recebe o Espírito Santo e proclama as boas novas da salvação em Cristo (At 1:8; 2:1-4, 14-36; 4:8-12; 6:3, 10; 8:6; 9:17, 19-22).<sup>30</sup> O mesmo deve acontecer com os cristãos hoje, ao receberem o Espírito Santo.

---

<sup>30</sup> Ser cheio do Espírito resultando diretamente em profetismo na experiência da igreja cristã primitiva aparece em At 19:6 (NOLLAND, 1989, p. 85).



## B) Elementos de cristologia (Lc 1:68ab, 76b, 78-79)

Como visto no subtópico o Uso do AT em Lucas 1:67-79, a visita do Senhor (Lc 1:68ab) é uma expressão típica do AT para se referir à intervenção salvífica de YHWH na história da humanidade (Gn 21:1; Ex 3:16; 4:31; 13:19; Sl 106(105):4; Jr 15:15). É interessante reparar que no v. 68ab é o próprio Senhor que visita o Seu povo, já no v. 78 é “a Aurora das alturas” que visita o povo de Deus. Portanto, é lógico inferir que “a Aurora das alturas” do v. 78 é o Senhor do v. 68ab.

Para descrever a missão de João Batista, Zacarias diz que ele prepararia “o caminho do Senhor” (v. 76b). Como já visto também no mesmo subtópico anterior, aqui há uma alusão às profecias de Isaías 40:3 e Malaquias 3:1 - onde é dito que o mensageiro prepararia o caminho de YHWH. Por conseguinte, o texto deixa transparecer que preparar o caminho do Messias é preparar o caminho de YHWH. Nolland afirma que há “uma feliz ambiguidade à menção do ‘Senhor’ aqui.” (1989, p. 89). Nichol declara que, nesta passagem, “‘O Senhor’ é, evidentemente, o Messias, e Cristo é identificado, neste caso pelo menos, com o YHWH do AT” (2013, p. 760). Aliás, isto já não é novidade no Evangelho de Lucas. A primeira referência a Jesus como Senhor ali encontra-se em Lucas 1:47, na saudação de Isabel, quando esta chama Maria de “a mãe do meu Senhor” (FITZMEYER, 1987, p. 185). Fitzmeyer (1987, p. 185) comenta:

Se é verdade - e o é - que Lucas compôs as narrativas da infância com uma visão retrospectiva de toda a narrativa evangélica já terminada, é absolutamente lógico pensar que o título *kyrios* [Senhor] deve se referir a Jesus. Mais ainda, a identificação do *kyrios* com Jesus confere ao Benedictus uma sólida coesão de sua unidade interna: Jesus não é somente esta “força de salvação” que Deus “suscitou na casa de Davi, seu servo” (v. 69), nem tão somente “a aurora que vem das alturas” (v. 78), senão também o *kyrios*, o “Senhor”, que entra nos caminhos da história humana precedido por João (v. 76).

No ventre da virgem estava sendo gerado como um bebê o Filho Unigênito de Deus (Jo 1:14, 18; 3:16, 18; 1Jo 4:9), coeterno com o Pai e o Espírito, a pessoa da Trindade que condescendeu em se encarnar para salvar a humanidade. Na mesma direção, Paulo afirma que: “Quando, porém, chegou a plenitude do tempo, Deus enviou Seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei, para que redimisse os que estavam sob a lei, para que recebêssemos a adoção.” (Gl 4:4-5) (GONZAGA, 2019, p. 1194-2016).



Segundo Lucas, a visita salvadora do Senhor que já tinha começado no ventre de Maria (Lc 1:68b) seria concretizada plenamente no ministério de Jesus (Lc 1:78; 7:16) (NOLLAND, 1989, p. 92).

Sobre o retrato deste Messias divino como “a Aurora das alturas” (Lc 1:78), há um eco aqui do astro que procederia de Jacó (Nm 24:17) e do sol da justiça que nasce e traz a cura nas suas asas (Ml 3:20), como já demonstrado anteriormente nesta pesquisa também. Gregório de Nazianzo disse: “A aurora que irrompe do alto é o Filho do Altíssimo.” (JUST JR., 2016, p. 76). Cirilo de Alexandria falou: “Este é o Cristo, a luz e o sol que trazem a paz e a criação.” (JUST JR., 2016, p. 76). Como se pode ver, a ligação da “Aurora das alturas” com Jesus de Nazaré é uma interpretação antiga na tradição cristã. Seguindo esta mesma linha hermenêutica, Nolland (1989, p. 90) escreveu mais recentemente, citando Isaías 60:2-3 em seu comentário de Lucas 1:78:

em Is 60:3 há uma palavra que poderia ser melhor traduzida por ἀνατολή (i.e., נֶזֶח, *zeraḥ* [“alvorecer”]), e é melhor entendida como a luz que se levanta para brilhar sobre o povo de Deus [...] Esta que se levanta pode ser equiparada ao próprio Deus (Is 60:2: “O Senhor se levantará sobre ti”).

A respeito da obra de Cristo em “guiar os nossos pés num caminho de paz” (Lc 1:79b), pode-se afirmar que assim como a Palavra de Deus escrita é luz para o caminho (Sl 119[118]:105), a Palavra de Deus encarnada também o é (Lc 1:78-79; Jo 8:12) (HENRY, 1983, p. 215). *Agere sequitur esse* (“o agir segue o ser”): O Príncipe da paz (Is 9:6) guia nossos pés num caminho de paz. Mas esta paz que Ele oferece ao ser humano, mencionada no cântico dos anjos aos pastores (Lc 2:14), não é a mesma paz oferecida por este mundo de pecado (Jo 14:27), mera ausência de conflito. A paz que Ele oferece é aquela que “excede a toda compreensão”, capaz de guardar “os corações e os pensamentos” dos crentes “em Cristo Jesus” (Fp 4:7).

### **C) Elementos de soteriologia (Lc 1:68c-69, 71, 73b-75, 77)**

Conforme analisado no subtópico anterior, é de Jesus que o texto está falando quando se refere ao “Senhor” e à “Aurora das alturas”. Logo, o resgate e a salvação evocados em Lucas 1:68c-69, 71, 73b-75, não pode vir de outra pessoa que não seja de Jesus Cristo (At 4:12). Porém, uma questão que se levanta aqui é: De qual salvação o texto estaria tratando aqui? Quem seriam os “nossos inimigos” e “todos os que nos



odeiam” (v. 71, 74a), ali mencionados? A salvação aqui evocada trataria da libertação político-militar de Israel? Seriam estes inimigos os romanos?

A mensagem e o contexto do Cântico de Zacarias parecem ir além disto. Os vv. 73b-75, 79b declaram que o objetivo da libertação seria franquear ao povo a possibilidade de adorar a Deus “sem medo”<sup>31</sup>, “em santidade e justiça diante dele”, todos os seus dias, e guiar os seus “pés num caminho de paz”. Sendo assim, pode-se concluir que esta salvação é, acima e antes de tudo, a eterna; libertação de Satanás, do pecado e da morte eterna (HENDRIKSEN, 2003, p. 175).<sup>32</sup> No que diz respeito a quem seriam os inimigos do povo de Deus, Bovon (1995, p. 155) lembra que “quando Lucas analisa o cativeiro de homens e mulheres, o inimigo é o diabo” (Lc 13:16; At 10:38), não os romanos. E Satanás não pode atingir aquele que é nascido de Deus (1Jo 5:18). Ademais, o v. 77 prediz que João Batista concederia “o conhecimento da salvação” ao “povo por meio do perdão dos seus pecados”.

No Evangelho da Infância de Lucas o tema da salvação eterna recorre no Cântico de Maria (Lc 1:47), no anúncio dos anjos aos pastores (Lc 2:11) e no Cântico de Simeão (Lc 2:30). Nolland afirma: “O repetido uso da linguagem da salvação encontrado no *Benedictus* é bem próprio de Lucas, cuja plenitude da história é a vinda da salvação à humanidade.” (NOLLAND, 1989, p. 92).<sup>33</sup>

Mas quem é salvo é salvo para o quê? Para adorar ao Senhor em santidade e justiça todos os dias (Lc 1:74b-75) - ou seja, um culto não meramente ritualístico, próprio das religiões mágicas e de mistério da antiguidade, mas ético e moral, pautado pela “obediência a Deus e à sua lei” (SCHMID, 1968, p. 89).

---

<sup>31</sup> “Frequentemente homens são liberados da mão de [seus] inimigos, mas não ‘sem medo’. Pois quando primeiramente houve medo e perigo, e, assim, alguém foi liberto da mão de seus inimigos, certamente foi liberto, mas não sem temor. Assim a vinda do Senhor Jesus nos libertou, ‘sem medo da mão de nossos inimigos’.” (ORÍGENES, 2016, p. 83).

<sup>32</sup> As outras únicas duas ocorrências do substantivo λύτρωσις (resgate ou redenção) no NT são de cunho espiritual e eterno (Lc 2:38; Hb 9:12) (BACHMANN; SLABY, 1980, p. 1188; HENDRIKSEN, 2003, p. 175-176). A pior escravidão é a do pecado (Jo 8:34; Rm 6:16, 20; 2Pd 2:19) (HENRY, 1983, p. 213).

<sup>33</sup> Sobre o tema da salvação e sua aplicação na obra Lucas-Atos, reparar que o verbo σώζω (salvar) ocorre trinta vezes (Lc 6:9; 7:50; 8:12, 36, 48, 50; 9:24[2x]; 13:23; 17:19; 18:26, 42; 19:10; 23:35[2x], 37, 39; At 2:21, 40, 47; 4:9, 12; 11:14; 14:9; 15:1, 11; 16:30-31; 27:20, 31) (BACHMANN; SLABY, 1980, p. 1760-1761); o substantivo σωτήρ (Salvador) aparece quatro vezes (Lc 1:47; 2:11; At 5:31; 13:23) (BACHMANN; SLABY, 1980, p. 1766); e o substantivo σωτηρία (salvação) ocorre dez vezes; sendo que no Evangelho há quatro ocorrências, três delas no *Benedictus* e outra na história da conversão de Zaqueu (Lc 1:69, 71, 77; 19:9; At 4:12; 7:25; 13:26, 47; 16:17; 27:34) (BACHMANN; SLABY, 1980, p. 1767).



## D) Elementos da teologia da aliança (Lc 1:69, 70, 72-73)

Lucas 1:69, 70, 72-73 relaciona a salvação referida na perícopé com a aliança que o Senhor fizera com o Rei Davi e com os patriarcas (especialmente Abraão), estabelecendo aquela relação temática “promessa/cumprimento” (FITZMEYER, 1987, p. 172). Brown (2005, pp. 456-457) explana o seguinte:

A salvação é vista como cumprimento de promessas respectivamente a Davi e a Abraão [...]. As duas estrofes que constituem o corpo do hino enfatizam a realização da expectativa veterotestamentária: o cumprimento de uma promessa a Davi e sua casa, que foi transmitida pelos profetas, e de um juramento a Abraão e seus descendentes, que fazia parte da aliança. - Não é por acaso que, ao expressar o mesmo tema por meio de uma genealogia, Mt 1,1 mencione Davi e Abraão na mesma ordem.

### a. Alusão à aliança com Davi (Lc 1:69, 70)

A aliança do Senhor com Davi, de estabelecer para ele e a sua descendência o seu trono para sempre, aparece, pela primeira vez, na profecia de Natã ao rei, em 2Samuel 7:11c-17, 26 e 1Crônicas 17:10c-15, 24-25. Interessante o detalhe da expressão “santos profetas” (v. 70), no plural, uma vez que apenas Natã fez esta promessa diretamente a Davi. Contudo, nos livros dos Profetas Isaías, Jeremias, Ezequiel e Amós também encontramos confirmações desta aliança eterna com Davi e sua descendência, por meio do Messias que deles procederá (Is 9:5-6; 16:5; 55:3-4; Jr 23:5-6; 33:14-26; Ez 34:23-24; Am 9:11-12). Lucas 1:69 informa que a promessa de Deus na aliança feita com Davi, de lhe conceder para sempre um trono e uma descendência, começa a se cumprir agora, na época do nascimento de João Batista (e de Jesus).

Tanto em Mateus quanto em Lucas (os dois evangelhos que tratam do nascimento e da infância de Jesus Cristo), Davi é mencionado na genealogia do Salvador (Mt 1:16, 17; Lc 1:31-32). Algumas vezes, nos evangelhos sinóticos, Jesus foi chamado “Filho de Davi” (Mt 20:29-34; 21:9, 15; Mc 10:46-52; 11:9-10; Lc 18:35-43). Certa feita Cristo interrogou aos fariseus: “Como o Messias seria filho de Davi, se este lhe chamara de Senhor?” (Mt 22:41-46; Sl 110:1). Em seu primeiro sermão evangelístico, logo depois do Pentecostes, Pedro cita Davi três vezes (At 2:25, 29,



34), mostrando que as profecias do AT estavam se cumprindo, não no antigo rei, mas no seu descendente, o Cristo. Segundo Larondelle (2016, p. 46).,

Vista de uma perspectiva histórica, a aliança davídica é uma continuação da promessa de Deus a Abraão [...] Essa aliança, portanto, estabelece uma linha direta de continuidade entre Abraão e a dinastia real de Davi na progressão do plano de Deus de cumprir Sua promessa messiânica de restaurar o paraíso perdido encontrada em Gênesis 3:15.

## **b. Uso da expressão “santa aliança” (Lc 1:72b)**

A expressão “santa aliança” só aparece outras três vezes na Bíblia, no Livro de Daniel (11:28, 30). Em Daniel 7:13 o Messias é chamado de “Filho do Homem”, que recebe o domínio, o reino e a glória para sempre. Nos evangelhos, este é o título que Jesus mais vai aplicar a si próprio, e que, curiosamente, não é o mais usado para a Cristologia a partir do NT, e sim os títulos de “Filho de Deus” (υἱὸς τοῦ θεοῦ) e de “Senhor” (Κύριος). O anjo Gabriel só aparece em dois livros da Bíblia: Daniel e Lucas (Dn 8:16; 9:21; Lc 1:19, 26). A impressão que o Evangelho da Infância de Lucas passa para o leitor é que o mesmo anjo que em Daniel anuncia a futura vinda do Messias, vem para anunciar em Lucas a sua chegada (SIQUEIRA, 1986, p. 92; PAO; SCHNABEL, 2014, p. 322; VETNE, 2011, p. 25-26, 28-29).

Explicando a profecia das setenta semanas a Daniel, Gabriel detalha que o Ungido, o Príncipe, quando viesse, faria uma firme aliança com muitos (Dn 9:24-27). Na última ceia, Jesus faz uma declaração que alude a este texto de Daniel: “isto é o meu sangue, o sangue da aliança, que é derramado por muitos para a remissão dos pecados [ἄφεσιν ἁμαρτιῶν – Lc 1,77].” (Mt 26,2). Não é sem motivo que o Messias é chamado de “Anjo da aliança” em Malaquias 3:1.

## **c. Alusão à aliança com Abraão (Lc 1:73a)**

Em Sua aliança com Abraão, o Senhor jurou conceder-lhe uma terra e uma descendência (Gn 12:2-3; 15:5-21; 17:4-8; 22:16-18). Tal qual Zacarias, Maria, em seu cântico, também fez alusão à aliança abraâmica (Lc 1:55). O fato de a aliança do Senhor com Abraão ser citada no Magnificat (Lc 1:55) e no Benedictus (Lc 1:73), indica que tanto Maria quanto Zacarias são descendentes legítimos do patriarca e que, portanto, eles fazem parte da continuidade do povo da aliança (LITWAK, 2005,



p. 89). Ainda dentro da obra lucana, Pedro, numa ordem semelhante à de Zacarias também, em seu primeiro discurso no livro de Atos, usa Davi como base para a sua pregação de Cristo; no segundo sermão, no templo, ele usa os patriarcas e enfatiza Abraão (At 3:13, 25).

Curiosamente, Abraão, enquanto esteve aqui nesta terra, não viu o cumprimento da promessa, pois sempre andou como peregrino em terra estrangeira. Mas, o autor de Hebreus argumenta que o patriarca “esperava a cidade que tem fundamentos, cujo arquiteto e construtor é Deus.” (Hb 11:10).

Tanto o *Magnificat*, quanto o *Benedictus* e o *Nunc Dimittis* fazem referência a Israel como o povo daquela aliança (Lc 1:54, 68; 2:32). De acordo com o ensino do NT a descendência de Abraão e o Israel de Deus não estão limitados a uma relação simplesmente consanguínea, mas são os que creem (At 3:25; Rm 9:6-7; Gl 3:29; 6:16).<sup>34</sup> Jesus prometeu: “Eu vos digo que virão muitos do oriente e do ocidente e se assentarão com Abraão, Isaac e Jacó no Reino dos Céus.” (Mt 8:11). Na Nova Jerusalém Abraão verá o pleno cumprimento do juramento que o Senhor lhe fez: uma terra e uma descendência.

### E) A misericórdia Divina (Lc 1:72a, 78a)

Deus se esquece dos nossos pecados quando deles nos arrependemos (Jr 31:34; Mq 7:18-19), mas sempre se lembra da sua misericórdia (Sl 136; Lm 3:22-23) (HENRY, 1983, p. 214).<sup>35</sup> Assim como em Lucas 1:67-79, misericórdia e aliança encontram-se ligadas em outras passagens bíblicas, do AT (Dt 7:9; Sl 89[88]:29; Isa 55:3) (NOLLAND, 1989, p. 87).

É de profundo significado a expressão, estranha para o mundo moderno, σπλάγχνα ἐλέους (“entranhas de misericórdia” – v. 78a). Os antigos falavam do interior do abdômen, especificamente as vísceras, no caso, os intestinos, o coração, os pulmões, o fígado, como a sede das emoções do ser humano, tal qual hoje em dia se

---

<sup>34</sup> “Por meio da ‘bênção’ pronunciada sobre Abrão e, por intermédio dele, estendendo-se a todos os seres humanos, o Criador renovou Seu propósito redentivo. [...] Deus confirmou Sua promessa de abençoar ‘todas as famílias da terra’ mediante Seu plano de alcance universal.” (LARONDELLE, 2016, p. 24).

<sup>35</sup> “Nossa própria miséria é a única e apropriada recomendação para a misericórdia divina.” (HENRY, 1983, p. 215).



fala apenas do coração (NICHOL, 2013, p. 760; CHAMPLIN, 2002, p. 24; NOLLAND, 1989, p. 89).<sup>36</sup>

Bovon (1995, p. 160, tradução livre<sup>37</sup>) explica que o substantivo grego traduzido no v. 78a como “misericórdia”, ἐλέους, é um genitivo qualificativo que “descreve o que há nas entranhas de Deus, quer dizer, na sede de seus sentimentos, a saber, a compaixão. Esta compaixão de Deus, como origem e agente da história da salvação, raras vezes foi designada de uma forma tão pessoal e existencial.” Nos evangelhos, o verbo σπλαγχνίζομαι (mesma raiz de σπλάγχνα, σπλαγχ), é usado para descrever o sentimento de íntima compaixão de Jesus pelas pessoas (Mt 14:14; Lc 10:33; 15:20) (GONZAGA; ALMEIDA FILHO, 2020, p. 285-312).

## F) A missão do precursor (Lc 1:76-77)

Lucas escreve sua narrativa como se desse a entender que o infante João Batista, desde o ventre de sua mãe (1:41, 44) e ao acabar de nascer (1:76), estivesse compreendendo o que se passa concernente ao cumprimento do plano da salvação e seu papel nele (ORÍGENES, 2016, p. 84). Malaquias 3:1 e Isaías 40:3 já haviam sido relacionados com a figura de João Batista na tradição evangélica pré-lucana (Mc 1:2-3). Porém, além de ecoar esses dois textos veterotestamentários, Lucas 1:76 está ecoando também passagens da própria narrativa do Evangelho de Lucas (Lc 3:4; 7:27) (FITZMEYER, 1987, p. 185). A aspiração do sacerdote no v. 76 se enlaça com a promessa do anjo no v. 17. (TANNEHILL, 1996, p. 62).

Cirilo de Alexandria detalha que o Batista é chamado de “profeta do Altíssimo” (Lc 1:76) porque sua missão, à semelhança de todos os profetas anteriores a ele, fora encomendada por Deus (JUST JR., 2016, p. 76).

No NT, a expressão ἄφεσις ἁμαρτιῶν (“perdão dos pecados” – Lc 1:77) é predominantemente lucana (Lc 5:20-25; 7:46-49; 24:47; At 2:38; 5:31; 10:43; 13:38; 26:18). Essa expressão não ocorre no AT, embora sua ideia esteja suficientemente clara ali (Sl 25:18; 99:8; Is 55:7; Jr 31:34). Perdão aqui implica no chamado ao

---

<sup>36</sup> “Essa referência provavelmente foi desenvolvida, a princípio, pela observação de que as emoções afetam grandemente a ação e as condições do intestino.” (CHAMPLIN, 2002, p. 24).

<sup>37</sup> “Describe lo que hay en las ‘entrañas’ de Dios, es decir, en la sede de sus sentimientos, a saber, la compasión. Esta compasión de Dios, como origen y agente de la historia de la salvación, raras veces se ha designado de una forma tan personal y existencial.”



arrependimento de Lucas 3:3 (NOLLAND, 1989, p. 89; TANNEHILL, 1996, p. 62). Na própria perícopes de Lucas 1:67-79, pode-se dizer que há um paralelo entre salvação dos inimigos (v. 71) e conhecimento da salvação pelo perdão dos pecados (v. 77).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim como na experiência do Sacerdote Zacarias e na dos primeiros cristãos registrada em Atos, quem é cheio do Espírito Santo não o é para a sua exaltação própria ou para se exibir na comunidade, mas para testemunhar de Jesus, para proclamar as boas novas da salvação em Cristo. No *Magnificat* e no *Benedictus* louvar significa profetizar,

anunciar a salvação que vem graças ao reconhecimento dos sinais. Deus é celebrado nestas passagens em todas as suas dimensões: passado, presente e futuro. Lc 1-2 é memória, reconhecimento e anúncio, chamada do futuro, o mesmo que será descoberto no restante do evangelho. (ALETTI, 2019, p. 21-22, tradução livre<sup>38</sup>).

O Cântico de Zacarias apresenta uma miscelânea de imagens - visitação divina, o Êxodo, aliança, iluminação messiânica, cumprimento das promessas - sem especificar com precisão qual é o propósito de Deus. Em vez disto, “projeta sua magnitude, sua incomensurabilidade, sua qualidade irreduzível.” (GREEN, 1997, p. 204, tradução livre<sup>39</sup>). O que Deus fez no passado se estende e alcança o que Ele está fazendo no presente. “E o resultado é uma comunidade na qual a paz e a justiça de Deus se acham encarnadas.” (GREEN, 1997, p. 204, tradução livre<sup>40</sup>).

É muito comum que os intérpretes comparem o *Magnificat* ao *Benedictus*. Mas alguns se esquecem de que o primeiro é a resposta de fé de Maria diante da incredulidade do mudo Zacarias (Lc 1:11-22). Neste ponto, de ser um preito de ação de graças pelo milagre recebido, o *Benedictus* se aproxima mais do *Nunc Dimittis* de Simeão. Porém, Zacarias canta também por ter abandonado sua incredulidade, sentimento nutrido por muitos da época em relação ao milagre da encarnação que se processava no ventre da virgem (Jo 9:34).

<sup>38</sup> “Anunciar la salvación que viene gracias al reconocimiento de los signos. Dios es celebrado en estos pasajes en todas sus dimensiones, pasado, presente, futuro. Lc 1-2 es memoria, reconocimiento y anuncio, llamada del futuro, el mismo que hay que descubrir en el resto del evangelio.”

<sup>39</sup> “to project its magnitude, its immeasurability, its irreducible quality.”

<sup>40</sup> “And the result will be a community in which God’s peace and justice are incarnated.”



Por seu cântico, não se consegue perceber nada de mesquinho em Zacarias. Deliberadamente sua atenção se volta de seu próprio filho para o outro Menino, aquele da “casa de Davi” (Lc 1:69). Este Menino é chamado no hino de “Aurora das alturas” (v. 78). Quando Sua luz ilumina “os que estão assentados nas trevas e à sombra da morte” (v. 79), eles podem, se quiserem e a aceitarem, resplandecer Sua luz cada vez mais até a plenitude do dia (Pv 4:18). Eles se sentem num caminho de paz, porque servir como canal de bênçãos a outros produz paz pessoal (HENDRIKSEN, 2003, p. 185).

Adorar ao Senhor “em santidade e justiça” (v.75), inclui nossos deveres para com o Criador e para com o nosso próximo (Lv 19:18; Mt 5:43; 22:39; Mc 12:31; Lc 10:27; Rm 13:11; Gl 5:14; Tg 2:8). Adorá-lo assim, diante dele, é ter a consciência “constante de sua presença, com os olhos fixos nele, sabendo que ele tem seus olhos fixos em nós, penetrando até o íntimo de nosso ser.” (HENRY, 1983, p. 214, tradução livre<sup>41</sup>). Adorá-lo todos os nossos dias significa amar até o fim àquele que nos amou até o fim (Jo 13:1).

Lucas 1:76-77 indica que a maior aspiração que um pai e uma mãe tementes a Deus podem ter é a de que seu filho se torne uma testemunha do evangelho. Já a entranhável misericórdia divina (Lc 1:72a, 78a), sentimento expresso tanto pelo Pai quanto pelo Filho, precisa ser também o princípio norteador da nossa vida (Fp 2:1; Cl 3:12), se nós consideramos filhos de Deus. Na condição de precursores da segunda vinda do Messias, ao lermos, cantarmos ou orarmos o *Benedictus*, façamo-lo, não mecanicamente, mas de maneira refletida, entendendo o que estamos lendo, cantando ou orando, pedindo ao Senhor que faça de nós mesmos a resposta a este hino/prece, quer seja pela aceitação da graça, quer seja pelo testemunho na proclamação de sua mensagem redentora àqueles que ainda não a conhecem.

## REFERÊNCIAS

AGAZZI, P.; VILARDO, M. *Hellenistí: grammatica dela lingua greca - manuale*. Bologna: Zanichelli, 2002.

ALAND, K.; ALAND, B.; KARAVIDOPOULOS, J.; MARTINI, C. M.; METZGER, B. *O Novo Testamento Grego*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2018. 5ª Ed.

---

<sup>41</sup> “Constante de su presencia, com los ojos fijos en Él y a sabiendas de que Él tiene sus ojos fijos em nosotros, penetrando hasta lo íntimo de nuestro ser.”



ALAND, K.; ALAND, B. **O Texto do Novo Testamento**: introdução às edições científicas do Novo Testamento Grego, bem como à teoria e prática da moderna crítica textual. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.

ALETTI, J.-N. **El evangelio de Lucas y las Escrituras de Israel**: la importancia de la tipología en Lucas. Estella, Navarra, Espanha: Editorial Verbo Divino, 2019.

BACHMANN, H.; SLABY, W. A. **Konkordanz zum Novum Testamentum Graece** von Nestle-Aland 26. Auflage und zum Greek New Testament, 3<sup>rd</sup> Edition. Berlin; Nova York: Walter de Gruyter, 1980.

BEALE, G. K. **Manual do Uso do Antigo Testamento no Novo Testamento**: exegese e interpretação. São Paulo: Vida Nova, 2013.

BLASS, F.; DEBRUNNER, A. **A Greek Grammar of the New Testament and other early Christian literature**. Chicago: The University of Chicago Press, 1961.

BOENING, H. R. **Liturgia das Horas**. São Leopoldo, RS. 2003. 55 p. Dissertação. Faculdade de Teologia, Escola Superior de Teologia.

BORING, M. E. **Introdução ao Novo Testamento**: história, literatura e teologia - cartas católicas, sinóticos e escritos joaninos. Santo André, SP: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2016. v. 2.

BOVON, F. **El Evangelio Segun San Lucas: Lc 1-9**. Salamanca: Ediciones Sigueme, 1995. v. I.

BROWN, R. E. **O Nascimento do Messias**: comentário das narrativas da infância nos evangelhos de Mateus e Lucas. São Paulo: Paulinas, 2005.

CARMONA, A. R.; MONASTERIO, R. A. Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos. CARO, J. M. S.; ADÁNEZ, A. F.; MONASTERIO, R. A.; BARRERA, J. T.; OPORTO, S. G. (Dirs.). **Introdução ao Estudo da Bíblia**. 5<sup>a</sup> Ed. São Paulo: Editora Ave Maria, 2012. v. 6.

CHAMPLIN, R. N. Lucas. In: CHAMPLIN, R. N. **O Novo Testamento Interpretado versículo por versículo**. São Paulo: Hagnos, 2002. v. 2. p. 1-250.

CHAMPLIN, R. N. **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia**. São Paulo: Hagnos, 2013. v. 1.

DILLON, R. J. A Narrative Analysis of the Baptist's Nativity in Luke 1. **The Catholic Biblical Quarterly**, v. 79, n. 2, abr. 2017, p. 240-260.

ELLIGER, K.; RUDOLPH, W. (Eds.). **Bíblia Hebraica Stuttgartensia**. 5<sup>a</sup> Ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997.

FABRIS, R. O Evangelho de Lucas. In: FABRIS, R.; MAGGIONI, B. **Os Evangelhos**. 4<sup>a</sup> Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2006. v. II. p. 10-247.

FITZMEYER, J. A. **El Evangelio Según Lucas**. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1987. v. 2.

FOERSTER, W. kéras. In: KITTEL, G.; FRIEDRICH, G. **Theological Dictionary of the New Testament**. Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans Publishing Company; Exeter, Devonshire, Reino Unido: The Paternoster Press Ltda., 1985. p. 378-379.



GINGRICH, F. W. **Shorter Lexicon of the Greek New Testament**. 2ª Ed. Chicago, Londres: The University of Chicago Press, 1979.

GONZAGA, W. A Sagrada Escritura, a alma da sagrada teologia. MAZZAROLO, I.; FERNANDES, L. A.; LIMA, M. L. C. (Orgs.). **Exegese, Teologia e Pastoral: relações, tensões e desafios**, Rio de Janeiro: PUC-Rio; Santo André: Academia Cristã, 2015, p. 201-235.

GONZAGA, W. “Nascido de Mulher” (Gl 4,4). **Horizonte**, Belo Horizonte, MG, v. 17, n. 53, p. 1194-1216, maio/ago. 2019. Doi: <https://doi.org/10.5752/P.2175-5841.2019v19n53p1194>.

GONZAGA, W.; BELÉM, D. F. Salmo 24: proposta de solução exegética através da Análise Retórica Bíblica Semítica. **Interações**, v. 15, n. 2, p. 386-409, jul.-dez. 2020.

GONZAGA, W.; ALMEIDA FILHO, V. S., Misericórdia: uma expressão do amor entranhado de Deus. Uma leitura linguística e teológica de Lc 7,11-17. **Pesquisas em Teologia**, Rio de Janeiro, v.3, n.6, jul./dez. 2020 p. 285-312.

GONZAGA, W.; FURGHESTTI, J. M. Exegese do Salmo 72 à Luz da Análise Retórica Bíblica Semítica: um rei que espelha o coração de Deus. **Cultura Teológica**. Ano XXIX, n. 99, p. 315-346, mai.-ago. 2021.

GONZAGA, W. A estrutura literária da Carta aos Gálatas à luz da Análise Retórica Bíblica Semítica. **ReBiblica**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, jan./jun. 2021, p. 9-41.

GONZAGA, W.; SILVA, Y. A. C. O Rei-Sacerdote: O Salmo 110 sob a perspectiva da Análise Retórica Bíblica Semítica. In: GONZAGA, W. *et alii*. In: **Salmos na perspectiva da Análise Retórica Bíblica Semítica**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio; Letra Capital, 2022, p. 233-279.

GREEN, J. B. The Gospel of Luke. STONEHOUSE, N. B.; BRUCE, F. F.; FEE, G. D. (Eds.). **The New International Commentary on the New Testament**. Grand Rapids, MI; Cambridge: William B. Eerdmans, 1997.

GRUNDMANN, W. **Das Evangelium nach Lukas**. Berlim: Evangelische Verlagsanstalt, 1974.

HAYS, R. B. **Echoes of Scripture in the Letters of Paul**. New Haven e Londres: Yale University Press, 1989.

HENDRIKSEN, W. **Lucas**. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2003.

HENRY, M. Marcos-Lucas. **Comentário Exegético-Devocional a Toda la Biblia**. Barcelona: Editorial CLIE, 1983.

JUST JR., A. A. (Ed.). Evangelio Según San Lucas. In: ODEN, T. C. (Ed. Ger.). **La Biblia Comentada por los Padres de la Iglesia y otros autores de la época patrística: Nuevo Testamento**. 2ª Ed. Madrid: Ciudad Nueva, 2016. v. 3.

KARRIS, R. J. O Evangelho Segundo Lucas. In: BROWN, R. E.; FITZMEYER, J. A.; MURPHY, R. E. (Eds.). **Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e artigos selecionados**. Santo André, SP: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2011. p. 217-308.



KÖSTENBERGER, A. J.; KELLUM, L. S.; QUARLES, C. L. **Introdução ao Novo Testamento: a manjedoura, a cruz e a coroa.** São Paulo: Vida Nova, 2022.

LARONDELLE, H. K. **Nosso Criador Redentor: introdução à teologia bíblica da aliança.** Engenheiro Coelho, SP: UNASPRESS, 2016.

LAURENTIN, R. **I Vangeli dell'infanzia di Cristo: la verità del Natale al di là dei miti.** Milão: Edizioni Paoline S. R. L., 1986.

LIDDELL, H. G.; SCOTT, R. **A Greek-English Lexicon.** Oxford: Clarendon Press, 1996.

LITWAK, K. D. **Echoes of the Scripture in Luke-Acts: telling the history of God's people intertextually.** Londres, Nova York: T & T Clarck International, 2005.

**LIVRO de Oração Comum: administração dos sacramentos e outros ritos e cerimônias conforme o uso da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil com o Saltério e seleção de salmos litúrgicos.** Porto Alegre, RS: Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, 2015.

MARGUERAT, D. O Evangelho Segundo Lucas. In: MARGUERAT, D. (Org.). **Introdução ao Novo Testamento.** 3ª Ed. São Paulo: Loyola, 2015. p. 107-130.

METZGER, B. M. **A Textual Commentary on the Greek New Testament.** Stuttgart, Alemanha: Deutsche Bibelgesellschaft, 1994.

MEYNET, R. A análise retórica: um novo método para compreender a Bíblia. **Brotéria**, 137, p. 391-408, 1993.

MEYNET, R. I frutti dell'analisi retorica per l'esegesi biblica. **Gregorianum**, v.77, n.3, p. 403-436, 1996.

MEYNET, R. **Rhetorical Analysis: an introduction to biblical rhetoric.** Bath, Inglaterra: Sheffield Academic Press, 1998.

MEYNET, R. **Luke: the Gospel of the children of Israel.** Roma: Gregorian and Biblical Press, 2015.

MEYNET, R. La retorica biblica. **Atualidade Teológica**, Rio de Janeiro, v.24, n. 65, p. 431-468, mai./ago.2020. Doi: <https://doi.org/10.17771/PUCRio.ATeo.49825>.

MORRIS, L. L. Lucas: introdução e comentário. **Série Cultura Bíblica.** São Paulo: Vida Nova, 1983.

MOUNCE, W. D. **Léxico Analítico do Novo Testamento Grego.** São Paulo: Vida Nova, 2013.

NESTLE-ALAND. **Novum Testamento Graece.** Stuttgart, Alemanha: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012; Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2018. 28ª Ed.

NICHOL, F. D. Lucas. In: NICHOL, F. D. (Ed.). **Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia.** Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2013. v.4. pp. 725-980.

NOLLAND, J. Luke 1:1-19:20. **Word Biblical Commentary.** Dallas, TX: Publisher Word Books, 1989. v. 35A.



OMANSON, R. L. **Variantes Textuais do Novo Testamento**. Barueri: SBB, 2010.

ORÍGENES de Alexandria. **Homilias Sobre o Evangelho de Lucas**. São Paulo: Paulus, 2016.

PAO, D. W.; SCHNABEL, E. J. Lucas. In: BEALE, G. K.; CARSON, D. A. (Orgs.). **Comentário Bíblico do Uso do Antigo Testamento no Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2014. p. 317-520.

PAROSCHI, W. **Crítica Textual do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2007.

PAROSCHI, W. **Origem e Transmissão do Texto do Novo Testamento**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012.

PÉREZ MILLOS, S. **Comentario Exegético al Texto Griego del Nuevo Testamento**. Barcelona: Editorial CLIE, 2017.

RAHLFS, A.; HANHART, R. (Eds.). **Septuaginta**. Stuttgart, Alemanha: Deutsche Bibelgesellschaft, 2006.

REILING, J.; SWELLENGREBEL, J. L. **A Translator's Handbook on the Gospel of Luke. Helps for Translators prepared under the auspices of the United Bible Societies**. Leiden, Holanda: E. J. Brill, 1971. v. X.

SEAL, D. We Have Been Visited: Divine encounter through the Lukan Benedictus. **The Biblical Annals**, v. 11, n. 2, p. 231-246, 2021.

SCHMID, J. **El Evangelio Según San Lucas**. WIKENHAUSER, A.; KUSS, O. (Dirs.). **Comentario de Ratisbona al Nuevo Testamento**. Barcelona: Editorial Herder, 1968.

SCHNELLE, U. **Introdução à Exegese do Novo Testamento**. São Paulo: Loyola, 2004.

SIQUEIRA, R. W. **L'alliance en Daniel 9:24-27**. Dissertação de Mestrado. 115 p. Faculdade Adventista de Teologia, Collonges-sous-Salève, França, out. 1986.

STUHLMUELLER, C. **Evangelho de Lucas**. São Paulo: Edições Paulinas, 1975.

TANNEHILL, R. C. Luke. **Abingdon New Testament Commentaries**. Nashville, TN: Abingdon Press, 1996.

TAYLOR, J. B. chifre. In: DOUGLAS, J. D. (Ed.). **O Novo Dicionário da Bíblia**. Edição Revisada. São Paulo: Vida Nova, 2006. p. 228.

THE DIVINE Office. Disponível em:

< <https://www.orthodoxmanchester.org.uk/thedivineoffice.htm>>. Acesso em 09 mai. 2023.

VETNE, R. **The Influence and Use of Daniel in the Synoptic Gospels**. Tese Doutoral. 318 p. Seminário Teológico Adventista do Sétimo Dia, Andrews University, Battle Creek, MI, jul. 2011.

WEBER, R.; GRYSO, R. (Eds.). **Biblia Sacra Vulgata. Iuxta Vulgatam Versionem**. Editio Quinta. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2007.



WEGNER, U. **Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia**. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulus, 1998.